



## AS PALAVRAS E AS COISAS: DICIONÁRIOS INDÍGENAS\*

*Luciana Gimenes  
(CEDOCH-DL/USP; CAPES)*

### **0. Introdução**

A transferência do modelo gramatical latino aplicado à descrição dos vernáculos europeus e à gramaticalização das línguas do espaço exterior ao mundo cristão é um tema recorrente na historiografia da lingüística. Se o emprego das categorias gramaticais latinas na redução a regras das línguas ditas exóticas a regras foi uma tarefa que implicou escolhas e a busca de soluções descritivas, o mesmo se deu com os modos de categorização lexical, tarefa subjacente à atividade de tradução dessas línguas, a que se procedeu na confecção de vocabulários.

O objetivo de minha pesquisa de doutorado é investigar os modos pelos quais lexicógrafos de certas línguas ameríndias lidaram com a tensão entre os princípios de categorização lexical e, principalmente, gramatical das línguas européia e indígena postas em equivalência em vocabulários bilíngües. Procuro discutir como a atividade de tradução a que se procedeu na elabora-

---

\* Tese de doutorado a ser concluída no segundo semestre de 2004.

ção desses vocabulários não pôde se furtrar à tarefa de descrição de mecanismos morfossintáticos. A fronteira entre léxico e gramática se mostra, nesses materiais, bastante tênue.

## **1. Materiais de análise**

Neste trabalho examino descrições lexicais do Tupinambá – o *Vocabulário na Língua Brasileira* (daqui em diante *VLB*), anônimo; e do Guarani – a obra lexicográfica de Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652), composta de duas partes, um dicionário Espanhol-Guarani, publicado em conjunto com a gramática – *Arte y Vocabulario de la Lengua Guarani* (1640), e um Guarani-Espanhol – *Tesoro de la lengua Guarani* (1639).

A seleção dos materiais de análise recaiu sobre as descrições citadas porque os pontos que elas têm em comum tornam possível uma comparação, a saber: são documentos produzidos no contexto das missões jesuíticas nas Américas, nos primeiros séculos da colonização e descrevem línguas de uma mesma família (Tupi-guarani). Há também aspectos em que as obras se diferenciam, e por isso a comparação se justifica: enquanto a obra de Montoya foi publicada e reeditada em seu tempo, o *VLB* permaneceu manuscrito e só foi publicado séculos mais tarde, em 1938. Na obra de Montoya, a descrição gramatical e lexical formam um todo coeso – a arte e a primeira parte do vocabulário foram publicados num só volume, e o prefácio do vocabulário remete ao tesouro, com instruções de como consultar o conjunto do material. O *VLB*, diferentemente, é um material avulso, sem autoria determinada, que não remete explicitamente a nenhum outro material.

### **1.1 Cronologia dos materiais**

#### **1.1.1 O Vocabulário na Língua Brasileira**

A autoria do *Vocabulário na Língua Brasileira* não está definitivamente determinada. Ele foi confeccionado no âmbito das missões da Companhia de Jesus no Brasil, porém, quem teria sido o autor, ou, quem teriam sido os autores, é ainda uma questão em aberto.

Na interpretação de Serafim Leite, Leonardo do Vale teria escrito o vocabulário (Leite 1936: 109-113; 1938: 552-554). Dentre as evidências que fundamentam sua hipótese, a mais forte, e na sua opinião, definitiva, seria uma carta do P. Marçal Beliarte, escrita por ocasião da morte do Vale:

(...) príncipe dos línguas brasílicos, eloqüente como Túlio, que falava a língua com tanta perfeição que até os Índios se admiravam do seu talento e graça singular; companheiro do P. Nóbrega e dos primeiros Padres, autor do Dicionário da Língua Brasílica, ótimo, copioso e muito útil (Beliarte, Marçal *in* Leite 1938: 553).

Ayrosa (1952), diferentemente, sugere a figura de um “coordenador” da confecção do vocabulário, que bem poderia ter sido Anchieta, em lugar de um autor propriamente dito

Não pensamos [...] seja fácil e justo atribuir-se, a um homem apenas, a autoria dessa obra que, com grandes probabilidades, é produto da cooperação de muitos. (Ayrosa 1952: 10).

Sobre a possível contribuição de Anchieta, Leite argumenta que as notícias sobre o vocabulário nos biógrafos do autor não são consistentes, e não sustentam a hipótese de que ele teria contribuído de forma especial na produção dessa obra (Leite 1936).

A figura de um coordenador, alguém que teria ordenado e copiado notas que os missionários teriam acumulado já durante a segunda metade do século XVI, parece realmente mais plausível.

As edições publicadas dessa obra foram baseadas em dois manuscritos diferentes: a primeira, de 1938, se fez com base no manuscrito que pertenceu a Felix Pacheco, doado posteriormente à Biblioteca Municipal de São Paulo. A segunda edição foi confrontada com um manuscrito pertencente à Biblioteca Nacional de Lisboa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa consultamos ambos os manuscritos, o de São Paulo e o de Lisboa. Quando reproduzimos trechos do VLB a título de ilustração, remetemos as citações à segunda edição da obra, por ser, em princípio, mais acessível ao leitor. Todos os verbetes examinados foram, porém, confrontados com os documentos originais.

- 1938. 1ª ed. São Paulo: Departamento de Cultura de São Paulo.
- 1952. [Edição revista e confrontada com Ms. Fg., 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa por Carlos Drummond]. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas* (Etnografia e Tupi-Guarani 23), n° 137, vol. 1 (A-H) . São Paulo.
- 1953. [Edição revista e confrontada com Ms. Fg., 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa por Carlos Drummond]. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas* (Etnografia e Tupi-Guarani 24), n° 138, vol. 2 (I-Z). São Paulo.

### 1.1.2 A obra lexicográfica de Antonio Ruiz de Montoya

Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652) nasceu e morreu em Lima, viveu em Madri entre os anos de 1638 e 1652, período no qual foram publicados seus manuscritos. Escreveu uma gramática, um vocabulário Espanhol/Guarani, e um tesouro Guarani/Espanhol. Além disso é autor também de uma relação (*Conquista Espiritual hecha por los Religiosos de la Compañía de Jesús, en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tapé*) e de um catecismo. Seguem as edições da gramática, vocabulário e tesouro.

*Tesoro de la lengua Guaraní.* (8 folhas + 407 folios + 1 folha)

- 1639. Madri. (1ª ed.)

*Arte y Vocabulario de la Lengua Guaraní.* (6 folhas + 376 + 234 p.)

- 1640. Madri. (1ª ed.)
- 1994. Madri: Ediciones de Cultura Hispánica/ Agencia Española de Cooperación Internacional (edição facsimilar).

Outras edições que reúnem os diferentes manuscritos:

- 1874. Leipzig: Júlio Platzmann. (reedição de todo o conjunto da obra)
- 1876. Leipzig: Júlio Platzmann (Arte, Vocabulário e Catecismo, ed. facsimilar)
- 1876. Viena-Paris: Varnhagen (Arte, Vocabulário e Tesouro)

## **2. Parâmetros para análise da microestrutura dos vocabulários em exame**

Para proceder à descrição e análise da microestrutura dos dicionários que constituem o material central desta pesquisa, lançamos mão do conceito saussureano de signo, entidade psíquica de duas faces, combinação de conceito e imagem acústica, ou ainda, significado e significante. Assim, o dicionário ou vocabulário foi entendido como inventário de signos. Como trabalhamos com descrições bilíngües, temos, na coluna esquerda das obras, um inventário de signos da língua de partida (L1), e na coluna direita, um elenco de signos da língua de chegada (L2).

No plano horizontal, cada verbete realiza uma operação de equivalência, isto é, cada signo da língua de partida é apresentado pelo autor da descrição numa relação de equivalência com o signo da língua objeto ou língua alvo. Frequentemente não é possível, porém, que essa relação de equivalência entre os signos dos diferentes códigos se estabeleça de forma direta. Então, para obter equivalência, os autores partem de um signo na língua 1, e registram traços de significado que promovem/possibilitam a correspondência entre os signos postos em equivalência. Essa aproximação dos signos ocorre basicamente de duas maneiras: 1) pela delimitação do significado do primeiro (especificação/acréscimo de traços); 2) pela ampliação/generalização do significado (ou seja, neutralização de traços significativos de um signo, que não o são no outro).

Encontra-se ainda informação de outra natureza, que se refere não ao signo propriamente dito, tal como se encontra disponível no eixo paradigmático, mas sim sobre a sua combinatória, ou seja, informação de natureza morfossintática.

Cabe registrar que o número de signos postos em equivalência pode variar, tanto do lado da entrada, quanto da tradução. Isto é, o autor pode considerar que há mais de um signo em L1 correspondente a um signo em L2, e vice-versa, ou ainda, múltiplos signos em L1 e L2 simultaneamente, como segue:

um signo → um signo

mais de um signo → um signo

um signo —► mais de um signo

mais de um signo —► mais de um signo

Passemos então a discutir a informação complementar, que funciona como estratégia para promover a equivalência entre os signos postos em correspondência. Podemos partir do primeiro caso enumerado acima, ou seja, a delimitação do significado por meio da especificação e/ou acréscimo de traços significativos. É preciso distinguir dois casos dentro deste grupo. No primeiro, a informação complementar registrada tem a finalidade de corrigir problemas de homonímia, ou seja, apontar de que signo trata a entrada, uma vez que há dois ou mais significados que não se confundem, mas que compartilham um mesmo significante. Exemplo:

A, **dativo** – Çupe.

Aa, l. a, **sí sí.i.já cayo nisso**. To, l, eẽ, ou ambos juntos, ut Toeẽ.

A, **ao, aos, etc.** – Praepo. de acusat. ad, l, in, pe,l, me, in fine, ut aço paraname, uou ao mar, etc. (*VLB*, v. I: 17, grifo meu)

Nos exemplos acima vemos três entradas, em que todos os signos têm a mesma representação gráfica: **a** (o segundo, na verdade admite duas representações: **a** ou **aa**). O autor precisa, então, lançar mão de alguma estratégia para identificar os signos elencados, porque existem homônimos. Assim, na entrada número um, o autor informa a classificação gramatical do signo (“**dativo**”, ou seja, preposição de dativo), e desta forma o identifica. No segundo verbete, o autor usa outro expediente. Ele registra uma frase em que o signo da entrada se insere, ou seja, dá o contexto de uso, a fim de mostrar que se trata de uma interjeição, empregado por aquele que finalmente entende alguma coisa, ou se lembra de algo. Na terceira entrada, novamente o autor registra a classificação gramatical, porém, desta vez, no lado direito, ou seja, na coluna em que se registra a L2. Assim, parece que o autor classificou o signo indígena, e não o europeu – isso não é uma contradição, já que segundo o autor esse é o ‘significado gramatical’ de ambos os signos, por isso eles são equivalentes. Porém, uma vez que a forma indígena é uma posposição, e não uma preposição, seria de se esperar que a observação estivesse na primeira coluna. Além de fornecer a classificação gramatical, o autor lança mão de outra estratégia para identifi-

car o signo da entrada: ele elenca as contrações que a preposição pode sofrer em português: “a, ao, aos, etc”. Essa informação já permitiria ao usuário do vocabulário reconhecer o signo. De todo modo, a classificação gramatical elimina qualquer dúvida. Esse seria, então, o primeiro tipo de ocorrência de delimitação de significado, a necessidade de esclarecer casos de homonímia.

O segundo tipo de informação complementar ocorreria pela necessidade de acrescentar traços de significado a um item lexical da L1, traços estes que no signo correspondente em L2 são marcados em nível morfossintático (ao menos essa é a interpretação do autor da descrição, já que ele grava a forma lingüística indígena como uma palavra). A distância entre os signos postos em equivalência é corrigida por meio de paráfrases, ou “circunlóquios”, na metalinguagem de então. Exemplo:

Aguoa **da chuiua**. – Amãna. (*VLB*, vol. I: 24, grifo meu)

Como dissemos antes, a informação complementar que acompanha certos signos por vezes especifica seu significado (como nos dois casos vistos acima). Porém, outras vezes, diferentemente, amplia e/ou generaliza o significado, pela neutralização de traços significativos do signo da L1, que não são relevantes no seu correspondente na L2.

Abade, **ou prelado** – Abarêguaçu. (*VLB*, vol. I: 17, grifo meu)

Os dois signos portugueses que introduzem o verbete encontram o mesmo correspondente na língua indígena, isto é, a oposição entre eles é neutralizada.

### **3. Gramática e dicionário: dois modos de representação lingüística**

Conforme afirmou-se acima, as estratégias para estabelecer equivalência entre os signos da L1 e da L2 ajustam não somente aspectos semânticos, e sim, por vezes também aspectos morfossintáticos. Ou seja, ‘regras’ descritas nas artes de gramática são registradas nos vocabulários, não na forma de leis

genéricas, mas como informações sobre o comportamento dos vocábulos elencados. Vamos observar isso em alguns verbetes do *VLB*.

Por exemplo, a ausência de marca de plural na língua indígena é retratada no registro dos nomes e pronomes adjetivos por meio da introdução das formas em língua europeia tanto no singular, quanto no plural, unidas pelo conectivo ou.

**Abraço, ou abraços.** – Nhoanhubãna. (*VLB*, vol. I: 18, grifo meu)

**Alho, ou alhos.** – Ibarẽma. (*VLB*, vol. I: 32)

**Algua pessoa, ou pessoas.** – Abã. Abã amo. Amo abã.

**Algua vez, ou vezes.** – Amome. Amoamome. Amonime. Amoamonime, idem est Amunigme. (*VLB*, vol. I: 31, grifo meu)

Analogamente, a ausência de gênero gramatical é também retratada, no registro dos nomes e pronomes:

**Aio, ayo ou Aya.** – Cerecoara. (*VLB*, vol. I: 28, grifo meu)

**Algun, ou algua.** – Amô. Amoaê. (*VLB*, vol. I: 31, grifo meu)

**Aquelle, ou aquela, ou aquilo** que esta presente. – Quei. Queibae. Quea.

E se esta absête Aque, vel Aquey. Aaquea. Aqueibae.

**Aquelle, aquela, aquilo** q. sinto ou ouço e não vejo. – Aipo. Aipobae. (*VLB*, vol. I: 39, grifo meu)

A ausência de verbo de cópula, descrita por Anchieta,

Os nomes conjugados como verbos incluem em si o verbo *sum*, *es fui*, em duas significação[sic], *s*, *ser*, & *ter*. Para a significação *destar* ha verbos particulares, & *proprios*, *estar sentado*, *deitado*, *andando*.” (Anchieta 1990 [1594]: 113).

e Montoya,

Todos los nombres, que conjugados con pronomes se hazen verbos, incluyen en si *asum*, *es fui*, en significacion de *ser*, y *tener* (...) (Montoya 1994 [1640]: 49)

é recuperada no *VLB*, em que adjetivos (e mesmo nomes, nos casos em que se pressupõe o verbo *ter*), são introduzidos numa estrutura de predicado nominal:

Froixo *estar*. – Xeapapub. (*VLB*, vol. I: 144, grifos meus)

Fraço *ser*, ou *estar*, como por doença, fome, etc. – Naxepigatây. (*VLB*, vol. I: 143, grifos meus)

Forte *ser*. – o mesmo que *força ter*. (*VLB*, vol. I: 143, grifos meus).

#### 4. Comentários finais

Os formatos de gramática e dicionário são gêneros com naturezas e funções distintas. Cabe à gramática o registro da regularidade; e ao dicionário, o registro da lista das palavras da língua, ou seja, daquilo que varia, que não é sistemático e não pode ser resumido. A gramática trata do que é geral, o dicionário do que é particular e não se deixa reduzir a um conjunto de princípios genéricos. Porém, se não é possível para a gramática abranger o domínio do dicionário, e nem o dicionário pode substituir a gramática, pelas características e finalidades de seus formatos distintos, ainda assim há um espaço de intersecção entre os dois gêneros de descrição lingüística. É aquele terreno em que as regras anunciadas e descritas na arte são associadas a formas lingüísticas específicas, processo de concretização em que mecanismos abstratos e genéricos tomam corpo e são apresentados não como princípios gerais, mas como classificação e modo de emprego de unidades lingüísticas determinadas. Muitas vezes, a veiculação de informação gramatical se dá da tradução, que estabelece certas correspondências, reveladoras de mecanismos morfológicos e sintáticos.

#### Referências Bibliográficas

##### Fontes primárias

Anchieta, José de. 1990 [1595]. *Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil*. [Edição facsimilar. Apresentação Prof. Dr. Carlos Drummond, aditamen-

tos Pe. Armando Cardoso, S.J.] São Paulo: Loyola. (1ª ed. Coimbra: Antônio Mariz, 1595).

Anônimo. 1952/1953 [1938]. “Vocabulário na Língua Brasileira.” [2ª edição revista e confrontada com o Ms. Fg., 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa por Carlos Drummond.] *Boletim da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas*, n° 137.1º vol. (A-H)/ n° 138. 2º vol. (I-Z) (Etnografia e Tupi-Guarani 23/24). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Figueira, Luís. 1621. *Arte da Lingva Brasileira*. Lisboa: Manoel da Silva. (ms. da 1ª edição)

Montoya, Antonio Ruiz de. 1994 [1640]. *Arte y Bocabulario de la lengua guarani*. [edição facsimilar, estudo e transcrição de Silvio M. Luizzi]. Madrid: Ediciones de Cultura Hispânica/Agencia Española de Cooperación Internacional.

### Fontes secundárias

Ayrosa, Plínio. 1952. “Notas Prefaciais”. Anônimo. “Vocabulário na Língua Brasileira.” *Boletim da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas* n° 137 e 138 (Etnografia e Tupi-Guarani 23/24). São Paulo.

Drummond, Carlos. 1952. “Advertência Necessária”. Anônimo. “Diciononário da Língua Brasileira.” *Boletim da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas* (Etnografia e Tupi-Guarani 23/24), n° 137 e 138. São Paulo.

Leite, Serafim. 1936. “O Primeiro vocabulário Tupi-Guarani ‘Português-Brasileano’”. *Brotéria*. XXIII, fasc. 2-3.

\_\_\_\_\_. 1938. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo II (Século XVI – A Obra). Lisboa: Portugália/ Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.